

Comment

TRAINED TO INTERACT

Experimentando a mediação: desafio constante

Fatima Brito

ABSTRACT: A Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é um espaço onde a ciência é abordada sob a perspectiva da cultura, buscando a interdisciplinaridade, provocando o debate entre diferentes áreas do conhecimento e construindo uma relação mais estreita e prazerosa entre sociedade e conhecimento científico. O trabalho com mediadores passou por mudanças significativas ao longo do tempo e os caminhos escolhidos vêm sendo modificados, reavaliados e transformados. Sua presença pode significar a possibilidade de diálogo, de conversa, de bate-papo, de troca e tem sido um dos principais canais de comunicação junto ao público.

Um centro cultural de ciência e tecnologia

Inaugurada em 1995, a Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é um espaço onde a ciência é abordada sob a perspectiva da cultura. Considerando que a ciência faz parte da herança cultural da humanidade e, por isso, está profundamente integrada às artes, à literatura, às visões de mundo e ao contexto socioeconômico, a Casa vem construindo canais de comunicação que proporcionem um encontro entre ciência, arte e cultura, buscando a interdisciplinaridade, provocando o debate entre diferentes áreas do conhecimento e construindo uma relação mais estreita e prazerosa entre sociedade e conhecimento científico. O grande desafio é o de estimular o público a fazer suas próprias descobertas em atividades que o convidem a formular perguntas e a buscar respostas, aguçando a sua curiosidade.

A opção por trabalhar com exposições e atividades temporárias, pensando a ciência no seu conceito mais global, tornou o espaço mais dinâmico, proporcionou a integração das várias áreas da ciência e a parceria com instituições públicas e privadas. Além disso, as ações não se limitam ao espaço físico da instituição, indo em busca de ambientes que possibilitem maior e mais explícita interação com a sociedade: manifestações populares, bares, ruas, festivais, encontros, feiras e escolas. Tudo isso nos trouxe grandes desafios e muitas questões permanecem em discussão.

O espaço físico existente limita-nos a receber até 12.000 visitantes mensais, mas, em função do roteiro de mediação, que é variável a cada exposição, mantém-se uma média de 6.000 visitantes. A Casa funciona de terça a sexta-feira, de 9 às 20h, e sábados, domingos e feriados, de 10 às 20h. A entrada é gratuita. Os recursos para manutenção são oriundos das mais diversas fontes – a UFRJ é a mantenedora principal e parte dos recursos é obtida através de editais públicos na área –, mas o enquadramento dos projetos nas Leis de Incentivo à Cultura (federal, estadual e municipal) e a captação de recursos fazem parte de uma estratégia de inserção da Casa no mercado cultural e têm como meta a constituição de um grupo de mantenedores para garantir a realização de projetos de forma mais segura.

Como característica e opção, a equipe é composta de profissionais de áreas diferenciadas e se amplia, constantemente, com novos consultores, mediadores e estagiários, com o objetivo maior de trocar e experimentar para aprender. O trabalho só vale a pena se estamos felizes e isso é determinante para que um grupo possa construir sonhos e transformá-los em realidade. Temáticas, linguagens, caminhos e avaliação são discutidos, conjuntamente, para dar forma aos projetos, eventos e atividades. Cientistas, pesquisadores, professores e especialistas da UFRJ e de outras instituições têm tido papel fundamental como consultores e parceiros em exposições, cursos, seminários, palestras, audiovisual, mostras, formação de pessoal, elaboração de materiais didáticos e publicações.

Do ponto de vista da avaliação de resultados, nem sempre é possível perceber o potencial de uma atividade ou a qualidade do trabalho realizado a partir de uma simples leitura de dados quantitativos. Assim, mantém-se uma avaliação junto ao público e à equipe, buscando perceber as diferenças entre cada grupo de visitantes, a influência e a interferência no cotidiano do público a partir da visita e seus interesses, bem como os erros e acertos das metodologias escolhidas pela equipe. Os resultados obtidos possibilitam a opção por novos caminhos, mudanças nas estratégias, escolhas de outros temas a serem explorados e, principalmente, a melhoria das relações profissionais e pessoais da equipe e do trabalho com os visitantes.

Novas perspectivas estão colocadas para a educação, quer seja formal, não-formal ou informal. Pensar diferentes formas de popularizar a ciência e de integrá-la à educação, respeitando as expectativas e os interesses dos visitantes, das instituições e suas equipes, é um desafio constante para os profissionais que atuam na área. Os museus e centros de ciência têm tido um papel fundamental nesse processo se considerarmos as diversas realidades existentes no país, onde cada um desenvolve seu trabalho a partir das expectativas do público e das necessidades colocadas regionalmente pela sua população. Independentemente das escolhas, não podemos perder de vista as reflexões existentes sobre o papel desses espaços na vida cultural, educacional e social de uma cidade.

Essa conceituação vem se construindo de forma muito particular e diferenciada em cada um dos museus e centros de ciência brasileiros. Provocar a curiosidade, desenvolver caminhos que levem o cidadão a questionar e refletir sobre o mundo que o cerca, trazer a ciência para o cotidiano do visitante, propor intercâmbios institucionais, disponibilizar informações científicas e aprofundar a reflexão sobre esses conceitos proporcionam uma visão multi e interdisciplinar da ciência.

Os públicos são "plurais", na sua maioria, e é desafiante desenvolver atividades que envolvam visitantes com interesses tão diversificados. Reconhecer e entender a limitação colocada por essa diversidade pode ser elemento motivador para a experimentação de formas, conceitos, idéias, linguagens, não cristalizando nossas ações em um único modelo.

Na Casa da Ciência, a diversidade de temas abordados e de metodologias escolhidas requer uma constante atualização com as áreas da ciência, tecnologia, comunicação, educação, artes e cultura. As exposições, mais do que ensinar, podem despertar a sensibilidade do visitante, envolvendo-o emocionalmente. A contextualização dos aspectos relacionados à ciência e a seu papel na sociedade pode contribuir na formulação de questões que se estendam além daquilo que o visitante está vendo, permitindo-o repensar e reinventar o mundo. Conhecer o passado é importante para entender o presente e pensar o futuro. É possível oferecer ao visitante uma experiência que o coloque dentro do processo histórico e científico, como indivíduo atuante e sujeito modificador da história. Dessa forma, as exposições podem se transformar em espaços amplos de significados imersivos, educativos, dinâmicos e criativos. A transformação da linguagem científica não é simples e depende de um esforço conjunto entre cientistas e profissionais da área. Ainda assim, a exposição é um espaço limitado para aqueles que buscam respostas as suas questões e ampliamos esse contexto oferecendo atividades complementares, em linguagens diversificadas, que facilitem o aprofundamento dos temas: mostras de filmes, minisítios na internet, oficinas, artes cênicas, palestras, seminários, cursos, música, publicações, entre outras.

Assim, nos mantemos no caminho do despertar, estimular e incentivar a curiosidade, acreditando que dessa forma contribuímos para o processo de investigação, descoberta e formação cidadã de nossos visitantes. Uma gestão mais participativa, a busca pela interdisciplinaridade, o uso de múltiplas linguagens e, principalmente, experimentar para construir e proporcionar um novo encontro entre ciência e sociedade.

Mediação – uma opção pela conversa

O trabalho com mediadores na Casa da Ciência passou por mudanças significativas ao longo do tempo. A exposição que inaugurou o espaço veio de uma parceria institucional e contava com uma equipe de mediadores que, além de terem sido recrutados, selecionados e treinados anteriormente, possuíam uma experiência adquirida no período em que a exposição ficou montada em outro local. Desde então, os caminhos escolhidos vêm sendo modificados, reavaliados e transformados. A opção por alunos da graduação das muitas áreas do conhecimento traz diversos olhares para o tema tratado. O aprendizado dos futuros mediadores ocorre em uma perspectiva multidisciplinar, proporciona a troca de experiências, contribui para a sua formação pessoal, profissional e acadêmica e reduz o discurso especializado e técnico, flexibilizando, assim, o atendimento ao público.

Um dos aspectos mais positivos nesse trabalho com alunos é o seu envolvimento em atividades que os aproximam de uma realidade distante daquela vivida no ambiente universitário. Isso possibilita uma reflexão sobre a atuação profissional que cada um virá a ter no futuro. Além disso, o olhar sem medo dos jovens traz contribuições transformadoras e muitos deles descobrem a popularização da ciência como um caminho possível para a sua formação acadêmica e profissional. Por outro lado, as bolsas acenam para que a maioria deles consiga se manter na universidade sem construir vínculos profissionais mais duradouros.

A formação educacional no Brasil não permite que sejamos eternos aprendizes nos mais diversos ambientes e situações. A escola, os amigos, a família, o trabalho, a leitura trazem um aprendizado diário sobre a vida. A ciência é uma interpretação humana sobre o mundo que nos cerca, são anos de pesquisa e formulação de teorias, um universo de conhecimentos que não cabem em um ambiente expositivo – que, por si só, já é limitado. Como o aluno pode ser capaz de sintetizar tantas informações em tão pouco tempo? Como entender rapidamente os interesses do visitante e adaptar a linguagem de forma a atender as suas expectativas? Agregado a isso, como ser um provocador, um estimulador para que o público sintam-se seduzido pelo tema e queira buscar mais informações? A exigência que recai sobre o mediador, seja do público ou da instituição, é excessiva e contraditória, quando pensamos na importância que essa atividade tem para as instituições, no tempo de formação oferecido aos alunos, na complexidade dos temas, que, por vezes, estão muito distantes de suas áreas de estudo, e nos baixos valores das bolsas oferecidas.

Nos eventos, oferecemos horários especiais para agendamento de escolas e grupos organizados. Nesse caso, os professores e orientadores podem decidir pela forma mais adequada de visita, a atender aos interesses do grupo. Na maioria das vezes, optam pela visita guiada, e nem sempre conseguimos que o mediador seja mais um provocador do que um explicador. Os grupos portadores de deficiências diversas (visuais, auditivas, cerebrais e motoras), entretanto, não contam com profissionais especializados para que as visitas sejam exploradas de forma mais atraente e interessante, e o atendimento tem sido feito com a colaboração da equipe que os acompanha. Nesse sentido, iniciou-se uma reflexão para que, além da inclusão de linguagens apropriadas (braile, libras, objetos em relevo, legendas, equipamentos especiais) que atendam mais qualitativamente esses visitantes, possamos abrir um novo campo profissional, em museus e centros de ciência, aos alunos portadores de necessidades especiais, inserindo-os nos grupos de mediadores.

Em um espaço com as características da Casa da Ciência, temos uma situação preocupante. As exposições e atividades se renovam em prazos muito curtos e, com isso, alternam-se os grupos de mediadores. Apesar de mantermos uma dinâmica de renovação constante de temas abordados, poucos são aqueles que se mantêm ativos e interessados após atuar em exposições por meses consecutivos. O processo se apresenta muito desgastante e nem sempre conseguimos oferecer métodos eficientes de atuação, reflexão, envolvimento e transformação desses alunos.

Mesmo com todas essas dificuldades e mudanças, o mediador tem sido um dos principais canais de comunicação do público com a exposição, com nossa equipe e com a instituição. Sua presença pode significar a possibilidade de diálogo, de conversa, de bate-papo e de troca. O espaço adquire vida, não se limita ao silêncio da cenografia, dos experimentos e dos multimídias. O espaço se humaniza, brotam-se erros e acertos, tornando-o mais "íntimo", mais próximo ao real. Com os mediadores, é possível trocar, tirar dúvidas, ser provocado ou, simplesmente, orientado para encontrar novos caminhos e descobertas.

Formação de futuros profissionais

A formação de profissionais na área de popularização da ciência no Brasil encontra-se em processo de construção e o dia-a-dia tem sido o aprendizado principal para as equipes. Novas profissões e especializações vêm surgindo nesse processo e a mediação deve ser considerada como uma das mais relevantes a se constituir.

Na Casa da Ciência, os estudantes são recrutados em suas unidades de origem na UFRJ e passam por um processo de seleção que inclui: entrevistas, dinâmicas de grupo e formação técnica, que compreende aspectos da divulgação científica, educação, comunicação, autoconhecimento e temática de cada exposição. Após diversas tentativas de organização dos grupos, atualmente são divididos em quatro, que atuam em dias intercalados (terça, quinta e domingo e quarta, sexta e sábado), em dois horários distintos (8:30 às 14:30h e 14 às 20h), diminuindo, assim, possíveis dificuldades em suas atividades acadêmicas.

O mediador precisa ser capaz de trabalhar em equipe, estar aberto para o aprendizado múltiplo, ter clareza de suas limitações no que diz respeito às informações científicas e desenvolver a capacidade de comunicação com públicos plurais, entendendo a necessidade de adaptação de linguagem a partir das

perspectivas e dos interesses desse público. Conscientes de que isso pode ser absolutamente excessivo e para minimizar esse "enfrentamento" com o público, oferecemos aos alunos um programa de formação em que participam profissionais atuantes na área, professores e pesquisadores dos temas tratados na exposição. Além disso, é disponibilizada ampla bibliografia sobre os assuntos tratados.

O programa de formação de mediadores compreende as seguintes áreas temáticas:

Comunicação, educação e ciência

- . História da Divulgação Científica
- . Teorias do Conhecimento e Aprendizagem
- . Comunicação e Ciência
- . PCNs – Conceitos Gerais e Relação com a Popularização da Ciência
- . Educação Formal, Não-Formal e Informal
- . Arte, Ciência e Cultura
- . História dos Centros e Museus de Ciência
- . O Papel dos Centros e Museus de Ciência
- . Associações Institucionais: ABCMC, RED POP e outras
- . UFRJ – Organização e Inserção Social
- . Casa da Ciência – Atividades e sua Contextualização Nacional

Públicos "plurais"

- . Sob a Perspectiva dos Meninos de Rua e Meninos sem Rua
- . Portadores de Necessidades Especiais
- . Interesses plurais e adaptação de linguagem

Desenvolvimento pessoal

- . Oralidade e Expressão Corporal
- . O Desafio do Trabalho em Equipe
- . O Papel do Mediador
- . Dinâmicas de Grupo

Questões técnicas

- . Segurança
- . Avaliação
- . Relatórios Técnicos

Visitas técnicas

As visitas em grupo a centros e museus de ciência, museus históricos e de arte e centros culturais têm proporcionado aos alunos a troca de informações sobre as perspectivas institucionais, além de contribuir para o reconhecimento das diferenças de metodologias em ambientes tão diferenciados na área da cultura e da popularização da ciência.

Imersão no tema

- . Panorama Geral
- . Conteúdos da Exposição
- . Atividades Complementares
- . Visita Técnica à Exposição
- . Planejamento da Mediação

Essa programação, apesar de extensa, é fundamental para inserir o aluno na área de popularização da ciência e facilitar o atendimento ao público. Além disso, mostrou-se efetiva no processo de seleção, que tem a participação de um número de alunos superior ao que será contratado, pois parte deles desiste nesse período e durante a realização da exposição.

A forma pela qual se dará a mediação é decidida com a equipe de alunos selecionados, em visita técnica à exposição e após muitas conversas e discussões sobre o formato mais adequado. No período de realização do evento, reuniões de avaliação com a equipe, incluindo mediadores, são fundamentais para se identificar a necessidade ou não de readequação da forma escolhida. Ao final de cada exposição, a síntese dessas reuniões e os relatórios elaborados pelos alunos são elementos utilizados para a avaliação global das atividades desenvolvidas.

"Negociar desejos", encarar nossas limitações, erros e acertos, repensar formas e caminhos, mudar sempre que necessário, acompanhar as histórias, os problemas, as dificuldades, as ansiedades e as

emoções vividas no dia-a-dia dos alunos, dos visitantes e da equipe faz parte de um processo de construção coletiva capaz de transformar cada um de nós. Talvez essa tenha sido a química que seduziu ex-mediadores a trilharem o caminho da popularização da ciência e exercerem a função de coordenadores de áreas em nosso espaço.

É indispensável refletir sobre a atuação dos mediadores em espaços que se propõem a dialogar com o visitante, propor estratégias que favoreçam a formação de pessoal na área e a ampliação do perfil dos interessados em atuar profissionalmente nesse contexto. Essa é uma preocupação no Brasil e no exterior, e a tarefa é árdua, longa e necessária. Que, em um futuro próximo, a opção pela mediação seja uma escolha apaixonada e que contribua para a criação de uma nova profissão.

Autore

Fatima Brito é socióloga, formada pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é diretora da Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, um espaço de popularização da ciência que explora as diversas áreas do conhecimento através de exposições, teatro, música, palestras, cursos, publicações, audiovisual e turismo. Participa da coordenação de eventos de divulgação científica em praças, ruas e escolas como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e o Caminhos de Darwin. E-mail: casadaciencia@casadaciencia.ufrj.br. Website: www.casadaciencia.ufrj.br.

HOW TO CITE: F. Brito, *Experimenting mediation: a constant challenge*, *Jcom* **07**(04) (2008) C03